

A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NO ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA NA ESCOLA PÚBLICA DE PARNAÍBA-PI

Letícia Nascimento Cardozo; Juliana Ferreira de Oliveira; Samuel Pires Melo (Orientador)

Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Reis Veloso, leticianascimento57@yahoo.com.br

Introdução

A população brasileira é composta por uma miscigenação de povos e culturas indígenas, africanas e europeias, que, muitas vezes, é vista de forma romantizada. Mas vale ressaltar que o processo de miscigenação e multiculturalismo no Brasil, ocorreu de forma violenta, destruindo sociedades já estabilizadas nessas e em outras terras. Os europeus viram no Brasil uma forma de exploração da natureza e dos povos que aqui se encontravam.

O Brasil se constituiu através da perpetuação da violência contra as mulheres e homens negros e indígenas, onde os europeus violentavam sexualmente as índias e africanas, nascendo assim uma mistura de etnias, a europeia, a indígena e a africana, formando o que hoje nós denominamos de país miscigenado. (ZALUAR, 1996.)

Apesar de ter exercido um importante papel na construção da sociedade brasileira, os (as) afrodescendentes ou afro-brasileiros (as), estão submetidos (as) a discriminações, preconceitos e privações, devido a um longo processo de silenciamento da participação desses povos na construção histórica e social do nosso país.

A relação dos africanos com o Brasil começou no início do século XVI, quando os negros foram trazidos como escravos e foi marcada por inúmeras desigualdades, já que os negros eram vistos como mercadoria, tendo sua condição de ser humano ignorada. Somente no século XIX, começou o processo de abolição da escravidão. Devido a esse processo de construção cultural marcado pela desigualdade e silenciamento social, mesmo com a abolição da escravidão, o povo negro continuou sendo visto de forma inferior, preconceituosa e desigual.

Segundo o IBGE (2010), 54% da população brasileira é formada por negros (pretos e pardos), mas o fato de vivermos em um país multirracial não nos permite dizer que não somos um país racista. De acordo com a Anistia Internacional (2012), dos 56 mil homicídios que ocorrem por ano no Brasil, mais da metade são entre os jovens e dos que morrem, 76% são negros. Isso ocorre porque o Brasil se construiu em cima do racismo e da violência contra o povo negro, ou seja, o racismo foi institucionalizado, o que gerou uma cultura hierarquizada e racista nas instituições – família, escola, igreja, etc. – que, por sua vez, se estruturaram em pilares de violência social e racial.

A escola, além de transmissora do conhecimento e da cultura é, também, o ambiente de convívio com a diversidade. E, nesse espaço iniciam as primeiras representações negativas sobre o negro, pois na sala de aula, a história do (a) negro (a) está associada apenas a escravidão, fazendo com que ele seja visto como um ser passivo e submisso, ignorando, completamente, todas as conquistas e lutas traçadas pelos negros e pelas negras até a atualidade, como os movimentos ativistas, pessoas negras bem-sucedidas, entre outros. Sendo assim, a educação é um fator determinante para a desconstrução dessa visão negativa. A sociedade precisa saber mais sobre a luta dos negros e das negras por sua liberdade, sobre a importância de seus líderes em diferentes momentos da história brasileira, suas crenças religiosas, influências deixadas em nossas festas e danças. É preciso falarmos da cultura afro-brasileira (BRASIL, 2013).

Nesse contexto, entende-se por cultura o conjunto de crenças, costumes e atividades de um determinado grupo social. Logo, a cultura afro-brasileira é o conjunto de práticas religiosas, culinárias, sociais, entre outras, que têm alguma origem africana e são praticadas e ressignificadas no Brasil.

Quando a educação mostra a história do Brasil somente pela ótica do branco, contribui para reforçar preconceitos e discriminações, gerando conflitos internos nos sujeitos e a não aceitação de seu pertencimento étnico-racial, levando a falta de orgulho de sua origem étnica e autoestima, visto que passam a entender o negro e a negra como sujeitos inferiores.

É preciso que a escola trabalhe, também, “o outro lado da história”, contribuindo para a formação de cidadãos e cidadãs livres de preconceitos, que respeitem a diversidade étnica e cultural. É preciso construir um ambiente inclusivo, que respeite a diversidade, valorizando uma educação baseada em direitos humanos. Um dos instrumentos didático-pedagógicos utilizados para isso é o cinema, uma vez que, segundo Leite (2005), a relação cinema e educação data dos anos de 1920, período em que produções cinematográficas foram identificadas por educadores como “um potencial educacional” e passaram a introduzi-las nas escolas através de projetos educacionais.

Dessa forma, utilizamos o cinema para intensificar a discussão sobre direitos humanos, representatividade e cultura afro-brasileira e africana nas escolas de Parnaíba e na Universidade.

Parte-se de um entendimento, conforme Migliorin (2015, p. 181), de que uma pedagogia “é necessariamente uma construção individual e coletiva, que trabalha as possibilidades pessoais dos indivíduos e seus engajamentos com a comunidade, com a diferença, com a alteridade”.

É nesta perspectiva que situamos a presente pesquisa, que, junto ao “Projeto Cinema e Educação: despontando cidadania para além dos muros da UFPI”, tem como objetivo levar, ancorado na proposta da pesquisa-ação, a realização de oficinas que possibilitem as trocas de saberes a partir da análise e produção do audiovisual, permitindo que todos os envolvidos e as envolvidas pensem o mundo que os cerca, bem como a negritude, por meio das imagens e da reflexão fundamentada na literatura sobre o tema.

Colocamo-nos, portanto, como problema a ser enfrentado na pesquisa a seguinte questão: quais as contribuições do audiovisual na valorização da cultura afro-brasileira e africana, nas escolas da Rede Pública da cidade de Parnaíba, através de experiências de aprendizagens, construção de conhecimentos e reinvenção de significados proporcionadas por este dispositivo de formação?

Metodologia

Esta pesquisa está sendo realizada com abordagem qualitativa, através de pesquisas bibliográficas que articulam obras de autores que discutem sobre cultura afro-brasileira e africana, cinema e educação, bem como pela pesquisa interventiva. “Os pesquisadores qualitativos recusam o método positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa” (GOLDENBERG, 1997, p. 34). Isto significa que a pesquisa qualitativa é capaz de identificar e analisar dados que não podem ser mensurados numericamente.

Posto isso, para conhecer a percepção de alunos e alunas, buscando compreender as atitudes, motivações e comportamentos deste grupo com relação a cultura afro-brasileira e africana e entender o problema do ponto de vista deste grupo em questão, para então tornar possível a transformação da realidade, utilizaremos a metodologia da pesquisa-ação.

A pesquisa-ação supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico, entre outros. A sua utilização como forma metodológica possibilita aos participantes condições de investigar sua própria prática de uma forma crítica e reflexiva. Nela estão envolvidos pesquisadores e pesquisados e todos estão envolvidos na busca de estratégias que visam encontrar soluções para os problemas.

Segundo Thiollent (2002, p. 75), “com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico”, o que promoveria condições para ações e transformações de situações dentro da própria escola.

Inicialmente atingimos um público de 24 alunos, sendo eles do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental. Estamos realizando reuniões semanais com alunos e alunas de uma escola da Rede Pública da cidade de Parnaíba, onde realizamos o cineclube e utilizamos propostas de exercícios para orientar os alunos durante as oficinas de produção audiovisual, as propostas são modificadas e alteradas de acordo com a criatividade de cada um. Por meio dessa perspectiva, encontramos na entrevista grupal (GASKELL, 2002) uma maneira de organizar as informações obtidas.

As exposições do cineclube ocorrem quinzenalmente, pois são intercaladas com a realização da oficina. Os filmes foram/são selecionados a partir do interesse da comunidade escolar, tendo como foco filmes que valorizem e reconheçam a história da cultura e da identidade da população negra no Brasil. Após as exposições, fazemos reflexões que envolvem a relação entre direitos humanos, negritude e a realidade local. Onde apresentamos uma questão central e os alunos vão relatando como se sentiram afetados com o filme, fazendo uma relação acerca da mensagem passada pelo filme com suas experiências pessoais.

As oficinas são realizadas a partir de dispositivos que podem ser encontrados no Caderno Inventar com a Diferença, do grupo da Universidade Federal Fluminense, curso de cinema da UFF, onde foram apresentadas e realizadas as fichas de atividade para formação básica de cinema voltada para direitos humanos. Cada ficha de atividade corresponde a um dia de oficina. Segundo Migliorin et. al. (2016, p.10) “dispositivos são exercícios, jogos, desafios com o cinema, um conjunto de regras para que o estudante possa lidar com os aspectos básicos do cinema e, ao mesmo tempo, se colocar, inventar com ele, descobrir sua escola, seu quarteirão, contar suas histórias”.

Os materiais produzidos nas oficinas são utilizados para análise de dados com o fim de descobrir se as discussões sobre direitos humanos, representatividade e cultura afro-brasileira e africana realizadas ao longo do projeto contribuíram, ou não, para mudar positivamente as relações de respeito dos mesmos com a temática abordada.

Resultados e Discussão

As oficinas estão ocorrendo desde o mês de abril de 2018, cujo tema foi intitulado como “Cinema, Educação, Direitos Humanos e Negritude”. Contamos com a participação inicial de 24 estudantes de uma Escola Pública Estadual de Parnaíba. Tendo como objetivo oferecer uma formação crítica e reflexiva aos estudantes trabalhando com o audiovisual.

Desde o primeiro encontro foi possível perceber a necessidade que os alunos sentiam em debater esse tema que até o momento não era feito na escola, muitos deles utilizam o cineclube e as oficinas como uma forma de desabafo, compartilhando suas experiências pessoais com o grupo a fim de buscar apoio e realmente encontram, pois os demais alunos e alunas sentem-se inquietados com as vivências dos colegas (MIGLIORIN, 2015).

Com relação a produção audiovisual, do ponto de vista crítico, percebemos inicialmente que nem todos os estudantes conseguiram assimilar o uso dos dispositivos com o debate de direitos humanos e negritude, embora olhem de fora a história afro e indígena (ZALUAR,

1996). Alguns alunos e alunas estão produzindo imagens buscando beleza e não criticidade. Em contrapartida, quando instigamos os mesmos a pensar criticamente acerca das imagens apresentadas, eles e elas apresentam argumentos construtivos, mostrando-nos que as discussões estão aprimorando a visão de mundo de alguns e ajudando outros a enfrentar o preconceito racial. “Ver e interpretar filmes implica, acima de tudo, perceber o significado que eles têm no contexto social do qual participam” (DUARTE, 2002, p. 107).

Essa experiência vem sendo cada vez mais desafiadora e significativa para nós, enquanto pesquisadoras, pois nosso trabalho está ganhando a responsabilidade de contribuir na formação de sujeitos críticos e inquietados com as discriminações e desigualdades tanto raciais, quanto sociais (MIGLIORIN, 2010).

Vale destacar a satisfação dos alunos em participar das oficinas e o encantamento a cada nova descoberta, é perceptível a maneira em que eles estão aumentando seu senso crítico e a vontade de buscar melhorar sempre, fazendo várias vezes o mesmo dispositivo até obter o melhor resultado possível.

Conclusões

Com a presente pesquisa buscamos descobrir e analisar quais as contribuições do audiovisual na valorização da cultura afro-brasileira e africana, nas escolas da Rede Pública da cidade de Parnaíba, através de experiências de aprendizagens, construção de conhecimentos e reinvenção de significados.

Ainda não é possível descrever mudanças efetivas no comportamento do grupo sujeito da pesquisa, pois este é um objetivo processual e somente ao fim da pesquisa poderemos analisar o mesmo. No entanto, é perceptível que as ferramentas audiovisuais estão contribuindo para ampliar a visão de mundo do grupo. A cada encontro os alunos e alunas apresentam novos argumentos, cada vez mais críticos e fundamentados na construção histórico-social do nosso país.

A utilização do audiovisual nas salas de aula contribuem para dar mais visibilidade a cultura e história afro-brasileira, pois o filme permite uma comunicação direta e dinâmica com a negritude e, conseqüentemente, a educação.

Percebemos também, que os dispositivos são uma ferramenta de interação entre os estudantes, pois através dos dispositivos, eles aprendem de uma forma mais prazerosa e didática. Aprender e ampliar conhecimentos pode ser muito prazeroso. É preciso explorar as questões positivas e negativas da cultura afro-brasileira, pois apesar de ser muito rica, ainda é preciso fazer muito para diminuir as diferenças entre a população negra e branca.

As práticas de produção audiovisual vêm ganhando a atenção e interesse dos estudantes, mas ainda é pouco incentivada e utilizada na Escola, infelizmente as instituições de ensino ainda não reconhecem o uso do audiovisual como um instrumento didático pedagógico que pode ser aliado às aulas de diversas disciplinas, não apenas de história.

Contudo, apesar da pesquisa estar em andamento, temos uma contribuição teórica e uma bagagem de experiência significativa para acreditar que o filme pode ser utilizado como fonte de pesquisa e abordar as distorções históricas, combatendo a discriminação e o preconceito racial em relação a cultura afro-brasileira e africana no contexto escolar. Para reconstruir uma sociedade marcada pela discriminação e marginalização dos negros, é preciso combater mitos, tabus e inverdades sustentadas durante todo o processo de formação cultural.

Referências

ANISTIA INTERNACIONAL. Extermínio da juventude negra. Rio de Janeiro. 2012.
Disponível em: <https://anistia.org.br/imprensa/na-midia/exterminio-dajuventude-negra/>.
Acesso em: 10 jan. 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/docman/julho2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acessado em 30 out. 2017.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, George; BAUER, Martin W. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

IBGE, ed. Tabela 2094 - População residente por cor ou raça e religião, 2010.

LEITE, Sidney Ferreira. **Cinema brasileiro: das origens à retomada**. São Paulo: Fundação Perseu Abrama, 2005.

MIGLIORIN, Cezar. **Cinema e escola, sob o risco da democracia**. Revista Contemporânea de Educação, v. 5, n. 9, Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. Disponível em:
<http://www.fe.ufrj.br/artigos/n9/9_posfacio_cinema_e_escola_104_a_110.pdf>. Acessado em 27 out. 2017.

_____. **Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.

MIGLIORIN, C. ; PIPANO, Isaac ; GARCIA, L. ; GUERREIRO, A. ; NANCHERRY, C. ; BENEVIDES, F. **Inventar com a Diferença: cinema e direitos humanos**. 2. ed. Niterói: Editora da UFF, 2016.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2002.

ZALUAR, Alba. **Da revolta ao crime S/A**. São Paulo: Moderna, 1996.